

O SOFRIMENTO

Um meio para a Redenção

por Edwin Faust

Excerto de “Fátima e a Espiritualidade Católica”, uma palestra dada na Conferência *O Desafio de Fátima*, que se realizou em Roma, em Maio de 2010.

O Amor expressa-se num desejo de sofrer por aquele que se ama. Este princípio está no coração de todas as aparições marianas, porque está no coração da espiritualidade católica.

Nossa Senhora disse a Lúcia e aos seus primitos que muitas almas vão para o inferno por não terem ninguém que reze e faça sacrifícios por elas. Que é esta economia da salvação que permite que as almas sejam resgatadas apenas pelo preço das orações e do sofrimento voluntário dos outros? E qual será o custo para as almas perante um mundo determinado a acabar com o sofrimento? Acabem com o sofrimento e acabarão com o sacrifício.

E se o sacrifício é a moeda corrente usada na economia da salvação, a ausência de sacrifício há-de levar essa economia à bancarrota e as almas perder-se-ão. Ora o mundo moderno está obstinado em efectuar essa política de bancarrota. Portanto, a Igreja deve obstinar-se em se opor ao mundo moderno. Os nossos clérigos deviam lembrar-nos que nós não somos turistas neste mundo, mas sim peregrinos; que a vida não é uma excursão para ver as paisagens, orientada para o nosso prazer; mas sim uma peregrinação até ao Calvário para aí sermos crucificados com Cristo.

E todos nós seremos crucificados na nossa carne, quer queiramos quer não. Os nossos corpos, apesar de todos os mimos de que nos rodeamos e dos preparados da medicina moderna, sucumbirão inevitavelmente à doença e à morte; muitos dos que aqui estamos poderemos ter de sofrer muito antes de morrer. A pergunta crucial é se o nosso sofrimento se tornará ou não um sacrifício, e isso dependerá de como usarmos esse dom que não nos será tirado: a nossa vontade.

Nem todo o sofrimento tem valor. Um homem pode sofrer e amaldiçoar o seu sofrimento, e até mesmo amaldiçoar a Deus por ter permitido que ele sofra. Assim, a sua dor terá sido desperdiçada. Aquilo que poderia ter-se tornado um sacrifício de expiação dos seus pecados e para a salvação de outros escoá-se como água no deserto, em vez de brotar da fonte da vida eterna. O homem que sofre sem objectivo é como aquele que tem uma grande riqueza que pode deixar a outras pessoas, mas que decide queimá-la ou enterrá-la, para que nunca ninguém tire proveito dela, nem sequer ele próprio.

Jacinta, que se tornou um modelo de como transformar o sofrimento num sacrifício, teve a graça de receber, durante a sua longa doença, visões proféticas. Uma das revelações que teve foi que a maior parte daqueles que iam morrer na Segunda Guerra

Mundial iria para o Inferno. Foi uma visão terrível e que a afligiu profundamente. O mundo inteiro em guerra, mas ninguém a lutar pelo Reino de Cristo.

Será que o mundo se arrependeu desde a Segunda Guerra Mundial? Será que vimos algum regresso à ideia do homem como sendo um peregrino penitencial, oferecendo sacrifícios pela sua salvação pessoal e pela conversão dos pecadores? Será que a devoção ao Imaculado Coração de Maria nos tem sido pregada sempre, por ser a nossa única esperança neste tempo de calamidades? Será que os pedidos tão simples de Nossa Senhora já foram atendidos?

Todos nós sabemos as respostas a tais perguntas, e elas são de modo a fazer-nos tremer perante o castigo que, sem a menor dúvida, aí virá.

O misericordioso perdão de Deus

Ora ainda há esperança, uma vez que, sobre os mistérios da Providência, nós sabemos o seguinte: que Deus perdoará a muitos pelos merecimentos de uns poucos de homens justos. A este propósito, temos, no Génesis, a narrativa na qual Abraão se põe a regatear com Deus para que Ele poupe ao castigo aquelas cidades do pecado. Começa ele por perguntar a Deus se Ele as pouparia se ali se achassem 50 homens justos. Deus concorda. E é então que cresce o regateio. E se ali se achassem quarenta e cinco justos? – pergunta Abraão. E Deus concorda novamente que, por esses 45 justos, Ele poupará o resto dos habitantes. E o regateio continua, até que Deus concorda em deter a Sua Justiça pelo mérito de apenas 10 justos. Teria Deus descido ainda mais, digamos, até aos merecimentos de um só justo? Não sabemos, uma vez que as negociações pararam nos dez. Mas o certo é que não se puderam achar nem sequer dez homens justos na cidade.

Sacrifícios para a conversão

Quantos de nós serão precisos para fazermos os sacrifícios suficientes para os pecadores se converterem e se evitar um castigo terrível? Tanto quanto sabemos, Nossa Senhora de Fátima nunca o disse aos pastorinhos, mas não pode haver dúvidas em como todos nós, que não passamos como zombies por esta terrível crise na Igreja e no mundo, somos instados para fazermos tantos sacrifícios quantos pudermos.

Jesus, evidentemente, é o nosso modelo supremo de como oferecer sacrifícios a Deus; mas Ele também nos mostrou, através de Sua Mãe, como nós poderemos, na nossa pequena dimensão, ganhar grandes graças para as almas por meio de actos de amor e de abandono à Sua Divina Providência. Os pastorinhos de Fátima, especialmente os dois mais novinhos, Francisco e Jacinta, que faleceram poucos anos depois das aparições, oferecem-nos uma instrução sobre o modo de cumprir os pedidos do Céu tão perfeitamente quanto possível.

Logo que os pastorinhos souberam que o Céu queria que eles fizessem sacrifícios, primeiro, pelo Anjo da Paz e depois, por Nossa Senhora, começaram a procurar modos de o fazerem. Primeiro, faziam jejum das maneiras mais evidentes: negando a si mesmos

aquilo que as pequenas satisfações dos sentidos os fariam apreciar. Comiam ervas amargas e suportavam a sede, para poderem salvar os pecadores.

É tentador especular sobre quão perto as experiências dos três pastorinhos estavam dos graus de oração descritos pelos místicos Doutores da Igreja, tais como Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz. Pode dizer-se com total certeza que os pastorinhos fizeram tudo o que puderam para entrar activamente na noite escura dos sentidos, descrita por S. João da Cruz como sendo o prelúdio habitual da contemplação. Diz S. João da Cruz que os sentidos não nos podem levar até Deus e que, quanto mais complacentes formos com os nossos sentidos, mais nos afastamos de Deus. Portanto, o primeiro passo a dar num aprofundamento da vida de oração deve sempre traduzir-se num aumento da negação dos sentidos, ou seja, em ascetismo. Como Santa Teresa de Ávila afirmou, tão simples e concisamente:

“Oração e auto-complacência não se dão bem.”

O sofrimento de Francisco

Francisco era o mais notoriamente ascético, manifestando também essa virtude, tão altamente louvada pelos místicos, chamada desprendimento. Tinha tendência a ver o mundo como o espectáculo fugaz que realmente é, e deixou mesmo de ir à escola para poder passar os seus dias ajoelhado diante do Santíssimo Sacramento na Igreja da sua aldeia, em Fátima, consolando o ‘Jesus Escondido’, como ele costumava dizer. Quando lhe perguntavam o que queria ele ser quando fosse grande – e ele era frequentemente importunado por semelhantes perguntas – ele respondia que não queria ser nada; que só queria morrer e ir para o Céu.

Quando Portugal, como o resto da Europa, era dizimado pela epidemia da gripe pneumónica que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, as pessoas das vizinhanças de Fátima não foram poupadas a ela. Todos os membros da família da Lúcia foram atingidos, excepto ela; e todos os da família Marto, excepto o pai, o Ti Marto, ficaram também seriamente doentes. Tanto Francisco como Jacinta sabiam que eles nunca haveriam de recuperar e que essa doença marcava um percurso de sofrimento penitencial que só iria terminar na morte. Eles, porém, aceitaram isso calmamente, quase com alegria, porque tinham a promessa de Nossa Senhora em como Ela os levaria para o Céu.

Mesmo nos últimos dias da sua doença, Francisco jazia imóvel na sua cama e, a 4 de Abril de 1919, menos de dois anos depois da última aparição, faleceu pacificamente, com um ligeiro sorriso na sua carinha de 10 anos, sendo sepultado no dia seguinte no adro da igreja de Fátima.

O sofrimento de Jacinta

Jacinta haveria de morrer no ano a seguir, depois de uma doença mais prolongada e muito dolorosa. Se Francisco manifestara desprendimento e tranquilidade, que são associados a uma purificação da vontade, a sua irmãzinha mais nova mostrava aquilo que

poderia ser descrito como uma iluminação mística, uma purificação do entendimento. Talvez, de entre todos os três pastorinhos, Jacinta tenha sido aquela que mais imergiu no sentido do sobrenatural. A Mãe Santíssima também continuou a aparecer-lhe, tanto em sua casa perto de Fátima, quando ela estava doente, como durante a sua permanência no hospital em Lisboa, antes da sua morte.

Jacinta era a mais nova dos três pastorinhos; só tinha 6 anos de idade durante as aparições do Anjo da Paz em 1916. Como Jacinta estava a começar a aprender o Catecismo, com Lúcia que, só com 9 anos, não se poderia dizer que fosse perita no assunto, ela foi levada para uma atmosfera do sobrenatural por visitas celestes: primeiro, do Anjo; depois, da Mãe de Deus; e finalmente, da Sagrada Família durante o Milagre do Sol. Como podemos nós imaginar a sua experiência da fé?

Atrever-me-ia a especular, dizendo que, dos três videntes, a sua fé era provavelmente a mais pura; e, dizendo isto, não pretendo diminuir em nada a fé de Lúcia e de Francisco. Mas eles eram mais velhos e, se sabiam pouco do mundo, pelo menos sabiam e compreendiam mais do que Jacinta.

Mesmo sendo crianças que crescem em lares católicos, não podemos de estar consciente de que vivemos no meio de muitas pessoas que rejeitam a Igreja de Cristo ou, pior ainda, a aceitam de forma quase indiferente. Assim sendo, enquanto estamos a aprender o nosso Catecismo, ali se desenvolve, paralelamente à nossa instrução religiosa, o espírito da irreligião, o espírito do mundo, que devora a nossa fé mesmo quando esta está a ser formada, como um veneno corrosivo que é difícil não ingerir. Penso que Jacinta nunca teve de beber desse veneno; que ela foi protegida do espírito da irreligião e que o seu intelecto foi dotado de uma qualidade quase angélica, de tal maneira que a sua instrução na Fé não lhe foi transmitida pelo filtro do raciocínio discursivo, mas foi antes puramente infusa. Que dom tão maravilhoso que ela recebeu!

Mas como acontece com todos estes dons divinos, o efeito foi de fazer com que quem recebe se conforme mais perfeitamente com Quem dá, que é Cristo crucificado. Jacinta adoeceu durante a mesma epidemia da gripe pneumónica que tinha prostrado Francisco, mas a progressão da sua doença haveria de ser longa, complicada e dolorosíssima. Tal como o irmão, ela ficou tranquila e resignada ao seu sofrimento, que também agradecia como uma oportunidade que o Céu lhe enviava para a oferecer sacrifícios pela conversão dos pecadores. A atitude de Jacinta para com os pecadores, como a dos restantes videntes, não era de condenação, mas sim de grande piedade. Ela vira o Inferno, e tivera um prenúncio do Céu. Não invejava aos perversos os seus prazeres proibidos, que via à sua verdadeira luz, como prelúdio da infelicidade eterna; antes se apiedava deles pela sua cegueira à alegria verdadeira e perene de amar a Deus.

Jacinta desenvolveu uma pleurisia. Nossa Senhora apareceu-lhe e disse-lhe que teria muito que sofrer; que seria levada para um hospital escuro em Lisboa, e que lá morreria sozinha; mas que não devia preocupar-se, porque Nossa Senhora viria levá-la para o Céu. E ela contou à família esta comunicação da Mãe Santíssima; mas só Lúcia acreditou nela.

O caminho de Jacinta até ao Calvário

Mas à medida que a Providência se desdobrava, foi levada para Lisboa graças às boas intenções de um padre e dos seus amigos, médicos abastados, que pagaram a despesa do que viria a ser a sua tortura médica. Assim começou aquilo que Jacinta sabia ser o seu caminho para o Calvário. Teve umas breves melhoras antes da agonia final. Enquanto esperava que se cumprissem os trâmites para ser internada no hospital, ficou num orfanato ao cuidado de uma religiosa franciscana, a Madre Godinho, que depressa se afeiçoou a ela e acreditou que aquela criança que tinha sido colocada ao seu cuidado era uma santa. “Ela fala com tal autoridade,” costumava dizer de Jacinta, com quem gostava de conversar, escrevendo muitas vezes a sabedoria e as profecias que vinham dela.

As guerras são castigos do pecado

Disse-lhe Jacinta que as guerras são castigos pelos pecados; que o mundo está a preparar castigos terríveis para si. Alertou contra o amor da riqueza e do luxo, e recomendou em vez disso o amor da santa pobreza e do silêncio. Disse que Nosso Senhor gosta muito da mortificação e dos sacrifícios. E disse ainda que os médicos não têm a luz para curar as doenças porque não amam a Deus. Por isso, toda a sabedoria, tanto deste mundo como do outro, deve estar enraizada neste amor.

Quando a levaram para o hospital, os médicos decidiram-se por uma operação. Foi-lhe administrada uma anestesia local que, aparentemente, não teve um efeito total, e Jacinta suportou o que só pode ser descrito como dores lancinantes, pois foram-lhe tiradas duas costelas. Durante a operação, gritava por Nosso Senhor e Nossa Senhora, e dizia:

“Meu Jesus, é por Vosso Amor. Agora Vós podeis converter muitos pecadores, porque eu sofro muito.”

Durante seis dias Jacinta continuou a sofrer; e foi então que a Nossa Mãe Santíssima lhe apareceu, tirando-lhe todas as dores e dizendo-lhe o dia e a hora em que havia de morrer, assegurando-lhe, uma vez mais, que Ela viria para a levar para o Céu. Quatro dias mais tarde, a 20 de Fevereiro de 1920, Jacinta Marto morria sozinha na sua cama de hospital, aos 9 anos de idade. Quando lhe exumaram o corpo no princípio da década de 1950, encontraram a sua carinha incorrupta. Ela é agora a Beata Jacinta.

Quanto aos sacrifícios feitos pela mais velha dos videntes, Lúcia, só podemos imaginar o que teriam sido. Ela viveu muito tempo. E se o breve desterro neste vale de lágrimas dos seus primitos foi marcado pelo sofrimento físico, a vida da Lúcia, desde o começo das Aparições até à sua morte, haveria de ser marcada pelo sofrimento espiritual. Como Nosso Senhor, que veio para o que era Seu e os Seus não O receberam, Lúcia havia de ser posta em dúvida, negada e desrespeitada, primeiro pela família, depois pelos funcionários do Estado, e por fim e muito lamentavelmente, pela hierarquia da Igreja.

Só podemos imaginar a sua solidão depois de as únicas pessoas no mundo capazes de a compreender por completo terem morrido. Sem Francisco e Jacinta, a sensação de isolamento da Lúcia deve ter sido avassaladora. Mas foi o seu destino nesta vida ter apenas uma fonte de conforto: Deus. Nisto, pode dizer-se, ela ao mesmo tempo sofreu e alcançou grande misericórdia, porque embora doesse ser provada da consolação que encontramos noutras pessoas e nos nossos confortos do dia-a-dia, todas estas coisas são, de certa maneira, ilusórias, e quanto mais nos agarramos a elas, mais longe ficamos de Deus. Lúcia aprendeu muito cedo a verdade destas palavras, escritas por Santa Teresa de Ávila, em cuja ordem acabaria por se integrar:

Todo se pasa, Dios no se muda – Tudo passa, mas Deus não muda.

Lúcia via o mundo mergulhar cada vez mais profundamente na sua loucura, sem prestar atenção aos pedidos do Céu e, como Jerusalém nos tempos antigos, não reconhecendo o tempo da sua visitação. O que teria ela sofrido ao ver a Mãe Santíssima ignorada e Jesus ofendido cada vez mais? A sua missão era fazer nascer Amor pelo Imaculado Coração de Maria e, em vez disso, ela teve de assistir a ultrajes cada vez maiores contra esse Imaculado Coração.

Ora, é o paradoxo da nossa Fé que a salvação venha através do sofrimento. Deus pode fazer com que o mal sirva o bem. E assim, até ao fim dos seus dias, com cada nova ferida sofrida pelo corpo de Cristo, com cada novo insulto que ela oferecia a Nossa Senhora de Fátima, Lúcia estava a fazer sacrifícios pela conversão dos pecadores, e por Sua vez a Mãe de Nosso Senhor apresentava-os ao Seu Divino Filho.

Quantos de nós seremos salvos pelos sacrifícios de Jacinta?

Não podemos saber. Mas cada vez que recebemos uma infusão de graça, cada vez que manifestamos inesperadamente um aumento de força que vence uma tentação ou nos desvia de um hábito pecaminoso, devemos recordar-nos com gratidão de que outras pessoas da nossa Fé, nossos verdadeiros irmãos e irmãs na família de Deus, estão a satisfazer por nós aquilo que S. Paulo disse que era necessário no sacrifício de Nosso Senhor: o sacrifício da sua vontade ao Amor de Deus. E isto, por sua vez, produzirá em nós um desejo de nos associarmos a este grande sacrifício, de colocar a nossa própria disponibilidade na pira de Amor que arde no Imaculado Coração de Maria e no Sagrado Coração de Jesus.